



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 9 - Ano 5 - Nº 9 - Janeiro / 2017
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

MESA TEMÁTICA 1 – O arquétipo do herói e a integração do ser

1 – O ARQUÉTIPO DO HERÓI E A UNIÃO DOS OPOSTOS

Sonia Bufarah Tommasi¹
 José Jorge de Moraes Zacharias²

Resumo

Os mitos permitem a representação dos conflitos, sentimentos e emoções relacionados aos problemas individuais e situações características de cada fase do desenvolvimento humano. Narrar mitos e elaborá-los, é uma maneira de abordar questões delicadas indiretamente. É um modo de fazer refletir sobre temas importantes, por meio de vivências e práticas de atividades que permitam a expressão dos afetos envolvidos, sua elaboração mais profunda e completa. Sem a preocupação moralizante, as histórias fazem avaliar a responsabilidade e as consequências dos atos praticados. Os heróis e suas provas servem como modelos identificatórios, auxiliam no processo de estimular o desenvolvimento de recursos e potencialidades no processo terapêutico e educativo. O modelo do herói é um referencial para o indivíduo.

Palavras-chave: Arquétipo. Mitos. Herói. Arteterapia.

Para explicar o nascimento, crescimento e morte, o relacionamento interpessoal e amoroso, a vida em sociedade, os combates, a caça, a saúde e a doença, o ser humano cria imagens e histórias. “A vida de cada ser humano é composta de múltiplas histórias, que se entrelaçam, se distanciam, que se sobrepõem e que formam a grande rede do ser e do existir. O estar no mundo aguça o sentidos e permite o ver, o sentir, o cheirar, o degustar, os quais estimulam o pensar, o imaginar e o criar” (TOMMASI, 2011, p.22).

Viver em sociedade significa participar, interagir e compartilhar. “Desta relação do humano com o mundo, nascem as narrativas, as histórias, mitos, lendas, contos de fada. Para explicar a sua própria existência, os fenômenos a sua volta, o ser humano cria deuses e deusas, demônios e fantasmas que compõe as narrativas mitológicas” (TOMMASI, 2011, p.22).

O ser humano cria histórias, as quais narram

como surgiram e como evoluíram até chegar ao ponto atual de existência. Portanto, desde as plantas e animais aos planetas, tudo tem uma história. O nascer e o pôr-do-sol, a jornada da vida para morte e o além, a natureza e a mudança das estações são todos os aspectos da vida que os seres humanos tentaram explicar por meio da mitologia. Os mitos transmitem os grandes dramas do processo existencial.

O mito parece ser eterno, existe em todas as culturas, contado com diferentes roupagens, percorreu longas distâncias, entrou e saiu de moda, foi expulso e trancafiado por não ser verdadeiro. Faz parte da vida cotidiana e do lar, penetra com suavidade no pensamento, modifica comportamento, valores sociais e morais. “Os mitos existem, mesmo que suas expressões não coincidam com nosso conceito incomensurável de 'verdade'” (JUNG, 2000, OC v. XVIII, p.17).

Entrar em contato com os mitos conduz o leitor

¹**Sonia Bufarah Tommasi** – Psicóloga, arteterapeuta, mestre em psicologia da saúde, doutora em ciências da religião, especialista em psicologia analítica, musicoterapia, coordenadora de cursos de pós graduação em Arteterapia - CENSUPEG e Psicologia Analítica - UNIPAZ, autora e organizadora de livros em Arteterapia, vice- presidente da ACAT.

²**José Jorge de Moraes Zacharias** – Psicólogo, mestre e doutor em psicologia social pela USP, analista didata pela Associação Junguiana do Brasil - AJB e *International Association for Analytical Psychology* – IAAP, autor do teste de tipos psicológicos QUATI e de obras sobre tipologia e psicologia e religião, e organista.

a penetrar na esfera instintiva, porém:

O mergulho nas esferas dos instintos, não conduz à percepção consciente do instinto e sua assimilação, porque a consciência luta até mesmo em pânico contra a ameaça de ser tragada pelo primitivismo em pela inconsciência da esfera dos instintos. Este medo é o eterno objeto do mito do herói e o tema de inúmeros tabus. Quanto mais nos aproximamos do mundo dos instintos, tanto mais violenta é a tendência a nos libertar dele e a arrancar a luz da consciência das trevas dos abismos sufocadores. Psicologicamente, porém, como imagem do instinto, o arquétipo é um alvo espiritual para o qual tende toda a natureza do ser humano; é o mar em direção ao qual todos os rios percorrem seus acidentados caminhos; é o prêmio que o herói conquista em sua luta com o dragão (JUNG, 2000, OC v. XVIII p. 76).

A mitologia é uma atividade necessária ao desenvolvimento do pensamento humano. É o processo mais antigo que mantém os universos simbólicos que acarreta a sistematização de legitimações cognoscitivas, afetivas e normativas. É a que mais se aproxima da redação de uma história do pensamento em termos sociológicos e psicológicos. Sem propor um esquema evolucionista, mas apenas para compreensão didática, seguem uma ordem: mitologia, teologia, filosofia e científica.

A mitologia, elemento conceitual está mais próxima do nível ingênuo do universo simbólico, no qual há o mínimo de necessidade de compreensão teórica do universo, além da suposição prática do universo em questão como realidade objetiva. O pensamento mitológico opera dentro da continuidade entre o mundo humano e o mundo dos deuses (BERGER e LUCKMANN, 1974, p.150).

Os mitos ensinam o caminho a ser seguido. São exemplos de ações e comportamentos esperados que o indivíduo deve desempenhar para pertencer a uma sociedade. Não só em relação às ações sagradas ou profanas, mas também em relação à sua própria condição.

Para Eliade e Couliano (1999, p. 340) "O mito desvenda uma região ontológica inacessível à experiência lógica superficial. O mito exprime plástica e dramaticamente o que a metafísica e a teologia definem dialeticamente." O mito desvenda a natureza do ser enquanto ser. Entende o ser dentro de sua própria natureza, realidade e existência, que é comum a todos e a cada um dos seres.

O mito, tanto na educação quanto em terapias, indica os caminhos a serem seguidos para o desenvolvimento da psique. O mito dialoga com o ego mostrando o conhecido e o desconhecido, trazendo informações e conteúdos do inconsciente que devem ser conhecidos.

O mito propicia o autoconhecimento, "Conhece a ti mesmo, e conhecerás o deus que habita em ti", frase atribuída ao filósofo grego Sócrates. Portanto temos que conhecer as forças que nos regem as emoções, instintos, cognições e o nível de energia disponível para a ação.

Conhecer o mito significa entrar em contato com a historicidade da nossa vida, do nosso corpo e a interação do humano com a natureza e o meio ambiente. A mitologia é vida e é vital para o ser humano. O mito revela e desvela a imaginação e a criatividade do humano sobre si, sobre o outro e sobre o mundo.

Portanto, a "primeira forma de reflexão religiosa, moral e social é apresentada pelos mitos e posteriormente pela filosofia. O mito apresenta a unidade primordial imediata entre os problemas humanos e problemas cósmicos" (TOMMASI, 2011, p. 22).

É no campo do mito que ocorre o confronto direto, do particular, do elementar com o étnico, do individual com o coletivo, do individual e coletivo com o divino. Sendo a mitologia progressiva, ela integra o indivíduo ao coletivo, ao mesmo tempo em que integra ambos ao divino, dando sentido à existência.

Assim os mitos contêm representações simbólicas importantes para cada fase do desenvolvimento humano e permitem ao indivíduo que passa por determinada etapa do processo, conectar-se com a experiência adquirida por toda a humanidade, compreendendo seu sofrimento como natural da condição humana e superando assim a sensação de impotência e isolamento, característico de momentos de crise.

Portanto, o uso do mito na arteterapia e na educação, favorece o desenvolvimento do ego e a integração do indivíduo ao meio familiar, social, profissional e espiritual. Estimula o processo de autoconhecimento. Reorganiza as emoções e sentimentos em relação às experiências vividas. Dinamiza os conflitos existenciais. Alivia as tensões do ser e do existir.

O HERÓI NO MITO

Entre todos os mitos, os mais conhecidos são aqueles que narram a jornada de um Herói. Surgem nas mais diversas épocas e culturas, com diferentes versões, porém são estruturalmente muito semelhantes. Seguem um padrão universal. Campbell (1949), demonstra que cada herói adquire a face de sua cultura específica, mas sua jornada é sempre a mesma, vivendo sempre o mesmo mito, que chamou de 'monomito'.

O herói, no mito, nasce da união entre um deus ou deusa com um ser humano, portanto simboliza a união das forças celestes e terrestres.

Não é imortal como um de seus pais, mas carrega um poder sobrenatural. É considerado um deus decaído ou um humano divinizado. A imortalidade pode ser adquirida, como aconteceu com Pólux e Hércules (Hércules) da mitologia grega.

Para Hollis (2005, p. 71) “O herói é um nome para uma designação de uma personificação de certa energia e intencionalidade que se encontra dentro de todos nós, embora possamos ter um acesso muito incerto a ela.”.

Outros autores apontam que:

“O Herói simboliza o eã evolutivo, o desejo essencial, a situação conflitante da psique humana agitada pelo combate contra os monstros da perversão” (CHEVALIER e GHEERBRANTE, 1998, p.489).

O arquétipo do herói é ativado durante o processo de desenvolvimento da consciência humana. Segundo Neumann (*apud* TOMMASI e SOARES, 2015), o herói é o precursor arquetípico da humanidade em geral e os estágios do mito coincidem com as etapas do desenvolvimento da personalidade de cada indivíduo.

O ego é estruturado a partir do centro organizador da personalidade, sendo sua função tornar-se instrumento de realização das potencialidades do *Self* no mundo exterior.

Esse fenômeno psicológico encontra representação na figura do herói mitológico. A luta do herói (representando a personalidade consciente) contra o monstro (o inconsciente, a mãe e as forças regressivas) aparece nos mitos em que o herói é devorado pela baleia e depois renasce ou quando enfrenta o monstro em uma luta de vida ou morte, que representa a conquista da consciência, a busca do próprio caminho pelo indivíduo e, no plano coletivo, uma mudança de estágio no processo evolutivo.

Nos mitos geralmente o herói é um salvador. Ele salva seu povo do ataque de dragões, monstros devoradores ou vilões sanguinários. Liberta a princesa ou livra toda uma aldeia de um inimigo cruel. O herói também pode ser aquele que encontra um tesouro escondido ou escapa da barriga de um monstro e liberta os que haviam sido devorados antes dele. Às vezes ele é vítima ingênua de forças do mal, outras ele é arrogante e acaba punido pelos deuses.

Nas histórias dos heróis, sempre existe uma situação terrível que precisa ser resolvida e essa é sua tarefa. Portanto, o herói é quem vai restaurar o equilíbrio original, restabelecer o padrão normal de funcionamento de toda uma coletividade.

Quando se ouve uma narrativa de um mito, pode haver uma identificação com o herói. As histórias de heróis são, por esse motivo, muito importantes em determinadas condições de vida porque ajudam a restaurar a força e a coragem para enfrentar tal situação.

A missão do herói pessoal, a de se tornar o que os deuses quiserem, não o que o ego deseja, há uma tarefa importante a ser realizada, beneficia o sujeito e a cultura ao

fornecer valores mais diferenciados, contribuições mais singulares ao coletivo. Essa missão é o oposto de uma agenda narcisista, pois ela serve a valores transcendentais incorporados pelos deuses.

Considerações finais

A presença do herói se observa ao longo de toda a vida, desde o nascimento até a morte, quando a mesma situação de enfrentar o desconhecido se impõe. Esta jornada se apresenta como rompimento da dependência parental, enfrentamento de medos reais ou imaginários, realização de tarefas arriscadas e demais atos simbólicos.

O caminho do herói, ou da heroína, foi imortalizado nas histórias que produziram as diversas culturas. Nelas o protagonista necessita restaurar o equilíbrio perdido. Na modernidade temos como exemplo filmes como *A viagem de Chihiro*, *Harry Potter* ou *O senhor dos anéis*. Em todas estas histórias há um herói ou heroína que é desafiado a realizar uma tarefa integradora com o intuito de restabelecer o equilíbrio perdido.

O chamado é aceito, mesmo que o protagonista não tenha plena consciência do que deve fazer. Esta viagem não ocorre sem a ajuda de outras personagens importantes que auxiliam a caminhada; no entanto, a decisão, muitas vezes ética, está nas mãos do herói. Ele ou ela não são obrigados a seguir em frente, podem desistir a qualquer momento.

Em termos psicológicos, estabelecer uma analogia entre a vida consciente com estas histórias, tende a ampliar os significados internos da jornada. Oferecer a oportunidade do cliente entrar em contato com esta dimensão simbólica, seja por meio da apropriação do texto na análise e/ou por meio de atividades de arteterapia em muito auxiliará o cliente na conscientização de sua condição no mundo e possivelmente se tornará um momento mágico de descobertas pessoais.

Referências

BERGER, P. I. e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1974.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, vol. II, 1998.

CAMPBELL, J, MOYERS, B..**O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAMPBELL, J. **As máscaras de Deus**. São Paulo: Palas Athena, 1992.

CAMPBELL, J. **As transformações do mito através do tempo**. São Paulo: Cultrix, 1997.

CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro: José Olympio editora, 1998.

ELIADE, M. COULIANO, I.P. **Dicionário das religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANZ, M. L. Von. **A interpretação dos contos de fada.** São Paulo: Paulus, 2004.

FRANZ, M. L. Von. **A sombra e o mal nos contos de fada.** São Paulo: Paulus, 2005.

TOMMASI, S. M. B. (Org.) **Arteterapeuta o cuidador da psique.** São Paulo: Vetor, 2011.

GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

HOLLIS, J. **Mitologemas:** encarnações do mundo invisível. São Paulo: Paulus, 2005.

JUNG, C. G. **A natureza da psique.** OC, vol. XVIII/2. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

TOMMASI, S. B. SOARES, L.F. M. **O herói nos mitos gregos.** Rio de Janeiro: WAK, 2015.